



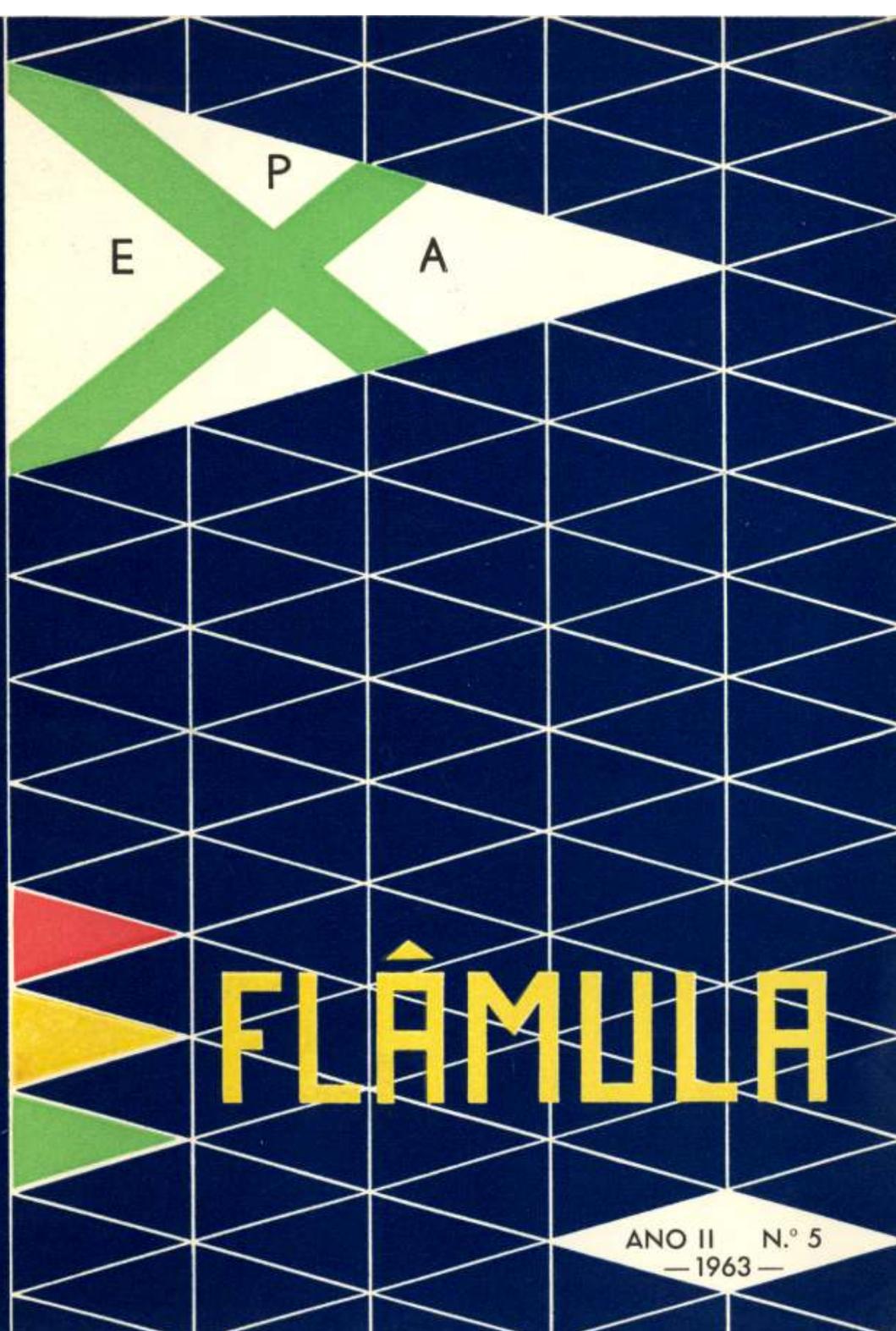
O progresso avança continuamente... e a ele têm de ser sacrificados interesses de vária ordem.

Destá vez, o progresso apresenta-se-nos através da urbanização da nossa cidade.

A sede da E. P. A. está condenada. Mercê do novo Plano Director, quase todo o quarteirão onde ela se encontra instalada desaparecerá.

Dentro em pouco, o matraquear das máquinas de escrever e de contabilidade será substituído pelo som dos camartelos demolidores, e o actual n.º 10 da Praça Engenheiro José Frederico Ulrich passará a constituir apenas uma recordação.

Com a demolição do velho edifício, estimariamos ver desaparecer tudo o que de mau ou menos bom ele testemunhou, e que as novas instalações, provisórias ou definitivas, pudessem apadrinhar uma nova compreensão entre todos, sem a qual tudo e todos se tornam mais difíceis.



FLÂMULA

ANO II N.º 5
— 1963 —

flâmula

boletim do pessoal para o pessoal da
EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

redacção
administração

director
editor
redactor principal

propriedade

composição e impressão

n.º 5

dezembro
1963

praça eng. josé frederico ulrich
n.º 10 — Aveiro

carlos grangeon ribeiro lopes
manuel da silva reis
carlos alberto da silva jerónimo

grupo recreativo do pessoal da
Empresa de Pesca de Aveiro

tipografia «a lusitânia» — aveiro

Não podemos deixar de manifestar ao Ex.mo Sr. Dr. Manuel Esteves o nosso profundo pesar pelo brutal acidente de automóvel que sofreu em 21/3/63 e que roubou a vida a sua Ex.ma Esposa, Dona Maria Emília Ferreira Estrela Esteves, distinta senhora muito estimada e gozando de grande simpatia em Aveiro.

O Sr. Dr. Manuel Esteves permaneceu durante algum tempo em perigo de vida, primeiro no Hospital da Misericórdia de Aveiro e depois na Casa de Saúde de Santa Teresa, em Coimbra, mas, felizmente, conseguir vencer a adversidade e entrar num período de franca convalescença.

Fazemos votos muito sinceros pelo seu completo restabelecimento e renovamos os nossos sentidíssimos pêsames pelo falecimento de sua Ex.ma Esposa.

sumário

- ★ novo impulso
- ★ ilha do sal
carlos grangeon
- ★ o capitão e a pesca do bacalhau
cap. joão laruncho de são marcos
- ★ a gestão dos «stocks»
- ★ cantinho da mulher
maria josé
- ★ ... e o «zê» desceu à revista
manuel gamelas
- ★ a natureza e a vida
eng.º paulo seabra
- ★ a pesca do bacalhau em tempos idos
cap. josé pereira da bela
- ★ renovação e ampliação da frota
- ★ a criação do homem diferente
joão carlos soares
- ★ viagem de regresso
m. bixirão
- ★ noticiário
- ★ curiosidades
manuel reis

curiosidades

As últimas e inclementes chuvas de Novembro, açoitasdas por impiedosas rajadas do Oeste, além de inundarem por vezes a parte baixa da nossa Veneza, causaram prejuízos sérios, mormente nas estradas que ligam Cacia a Angeja e Eixo a São João de Loure.

Esta burrascosa intempérie, que bastantes prejuízos causou ao tráfego daquelas vias, trouxe-me à recordação o naufrágio dum cartapácio que foi salvo das enxurradas do Vouga, ali para os lados de Azurva, no ano de 1872.

O sobrevivente alfarrábio, com a linda idade de 244 anos, foi editado em Coimbra

Na Officina de Joseph Antunes da Sylva,
Impressor da Universidade, & Familiar
do S. Officio

no bulorento ano de MDCCXXIX. É encadernado a carneira, já esfurancada pelo caruncho, mas o seu aspecto geral é ainda aceitável. Apresenta este idoso calhamaço, na guarda da capa posterior, a seguinte legenda:

*Lembrança. No dia de 23 de janeiro de 1872
beio huma cheia ao campo que chigou ao Ri-
beirinho do Joze e Baristo ia ponte de
Azurva sobio por sima da estrada hum Metro
dal tura o Arrujo abensou a estrada para o
Ribeiro.*

Segue-se a assinatura do autor deste epitáfio, que se omite.

a p o n t a m e n t o d e m a n u e l r e i s

Em 3 do corrente mês, partiu para Cabo Verde o nosso Gerente-Delegado, Senhor Egas Salgueiro, que ali se deslocou com uma missão alemã, a fim de ser estudada a instalação de uma grande companhia de pesca de que a E. P. A. será associada.

novas instalações

Em permanente desenvolvimento, a E. P. A. tem quase concluída uma fábrica de conservas, que ficará situada nas nossas instalações da Gafanha e no local onde se encontrava anteriormente o secador artificial. Prevê-se que a fabricação possa ser iniciada dentro de dois ou três meses.

Entretanto, e substituindo o secador artificial que desapareceu para dar lugar à fábrica de conservas, vai começar a construção dum novo secador, provido das últimas inovações na matéria.

frota

Os seis arrastões da E. P. A. encontram-se em Aveiro, em preparativos para a primeira viagem de 1964. O «São Gonçalinho» foi o primeiro a sair deste porto, visto que vai sofrer alterações no hélice de passo variável, que efectuadas em Lisboa estão a ser.

Os atuneiros «Rio Vouga» e «Rio Águeda» estão em Angola a completar os seus carregamentos, já quase terminados. Aos seus oficiais e tripulantes, que passarão o Natal longe das suas famílias, desejamos muito Boas Festas, dentro dos limites da sua situação, e um Novo Ano Feliz.

novo impulso

Mereceu reparos, — aliás muito justificados — ter passado tanto tempo sem o aparecimento de um novo número da «Flâmula».

O facto de haver quem tivesse reparado, se por um lado resulta de um lamentável atraso de que nos penitenciamos, é também indicativo de que se notou a falta do nosso boletim, o que nos desvanece e encoraja para, em novo impulso, retomar a marcha que em tão boa hora iniciámos.

Razões para esta ausência de um ano, houve-as de vária ordem, umas pequenas outras grandes, que emperraram, atrasaram e lançaram, por vezes, um pouco de desânimo nos responsáveis pela publicação.

Mas sempre é tempo de arrepiar caminho. Um novo apelo aos possíveis colaboradores, para desentorpecer as suas possibilidades latentes, e eis-nos, de novo, a enfrentar a luz da publicidade e a critica benevolente dos nossos leitores.

Se conseguirmos, neste número, manter o razoável nível que atingimos nos anteriores, já nos daremos por satisfeitos, na certeza, porém, de que o nosso anseio é procurar sempre fazer melhor.

noticiário

instantâneos pessoais

Fizeram anos este mês: João Fidalgo, em 10/12; João Carlos, em 13/12; Júlia Rocha, em 16/12; João Pinheiro, em 16/12 e Adriano Robalo, em 30/12. Fazem anos até ao nosso próximo número; Alberto Amândio, em 11/1; Maria Manuela, em 16/1; Carlos Grangeon, em 17/1; Armando Vieira, em 20/1; Laurentino Gaspar, em 21/1; Jorge da Paula, em 2/2; Fernando Marques, em 11/2; França Morte, em 14/2; Osvaldo Mesquita, em 18/2; Olinda Rocha, em 16/3; Guilherme Barroso, em 19/3; Rio de Freitas, em 23/3; Donzília Domingues, em 26/3 e Jerónimo Assis, em 28/3.

A nossa colega Maria de Fátima teve uma menina em 23 de Outubro último. Para além das felicitações que aqui lhe apresentamos, desejamos muitas felicidades para a pequerrucha.

O nosso colega Osvaldo Mesquita, que tinha regressado ao nosso convívio depois de passado à disponibilidade, foi de novo chamado, agora para prestar serviço em Aveiro, em Infantaria 10.

colegas no ultramar

Depois de José Lino, de quem temos dado amiudadas notícias, encontram-se agora também em Angola os nossos colegas Adriano Robalo e José Claudino. Sobe assim a três o número de empregados da E. P. A. a prestarem serviço no Ultramar. Adriano

Robalo numa roça em Tomboko



Plana e seca, quase completamente desprovida de vegetação, a monotonia da sua paisagem, em que prevalecem os tons cinzentos e amarelados, é cortada aqui e além por pequenas montanhas de lava, isoladas, negras, de forma cónica, testemunhos das ciclópicas convulsões vulcânicas que deram origem ao arquipélago. Isto dá à ilha um aspecto lunar que não deixa de ter uma estranha e rude beleza.

Espargo, onde está o aeroporto e os principais quartelamentos militares, Preguiça, a dois passos, Palmeira, aldeia de pescadores, com as instalações da Shell, Pedra de Lume, com as suas curiosas salinas e Santa Maria, sede do concelho, com fábrica de conservas e salinas, são as únicas povoações onde se concentra a população fixa da ilha, num total de cerca de 1900 habitantes e composta principalmente de mulatos (85%), pretos (10%) e brancos (5%).

De que vive esta gente? Alguns da pesca, muito rudimentar, outros da extracção do sal ou de pequeno comércio e, a maior parte, depende do aeroporto e das forças armadas que guardam a ilha. O nível de vida é muito baixo, mas, em contrapartida, quase não há analfabetos.

É na verdade uma característica curiosa e simpática da população de Cabo Verde o seu gosto e aptidão para o estudo.

O aeroporto, com condições extraordinárias para dele se fazer a grande placa giratória do Atlântico Central, não acompanhou o progresso da aviação e deixou de ser procurado pelas grandes carreiras internacionais, que passaram a preferir Dakar ou Las Palmas. Só os antiquados aviões do Vôo da Amizade da TAP-PANAIR para o Brasil, e agora os aviões militares de transporte, continuam a utilizá-lo.

a ilha do sal

crónica de carlos grangeon

Os jornais anunciam que vão ser feitas obras importantíssimas de ampliação de pistas e modernização das instalações, no valor de 76000 contos. É uma obra que se impõe e vai ser de decisiva importância para o progresso desta ilha e de todo o arquipélago.

Numa semana de permanência na ilha do Sal, a que fomos forçados por falta de comunicações para S. Vicente, tivemos tempo de sobra para ver tudo o que ela tem de interessante e para a percorrer em todos os sentidos.

Poucas ilhas terão sido baptizadas com tanta propriedade como esta. De constituição vulcânica, as cavernas imensas que se formaram no seu subsolo poroso, encheram-se de água do mar que nelas foi depositando, ao longo de milhares de anos, o sal que acabou por as encher completamente, formando enormes jazigos de sal gema.

Como na ilha chove raramente, os poços que se abrem, embora de entrada dêem água doce, acabam, a pouco e pouco, por dar água cada vez mais salgada.

Há só dois ou três poços,



A Buracoa, um dos pontos pitorescos da costa do sal

em toda a ilha, onde a água se tem mantido em razoáveis condições de ser utilizada para beber. Para neles se abastecerem, vem gente de muito longe, com latas ou bidons que vão rolando pelo solo calcinado.

No Espargo, para uso do aeroporto, quartelamento e hotel, há uma moderna instalação de distilação de água do mar suficiente para as necessidades indispensáveis desta zona.

No próprio hotel, edifício de um só pavimento construído há muitos anos pela Alitália, em madeira e fibrocimento, a água canalizada nos quartos de banho é salgada e muito salgada.

Aproveitando esta abundância de sal, há duas importantes instalações de extracção, já muito antigas e, cada uma no seu género, interessantíssimas.

A Pedra de Lume tem as salinas a 150 metros de altitude,

Mais e mais nos aproximamos dela, e um dia, finalmente, surgiu Lagos, sua casaria branca, seu aspecto moirisco. Poucas horas ci perdemos e de novo nos encontramos no mar, ai de nós! rumo a Itália, aonde iremos descarregar o atum, produto de tantos meses de trabalhos e canseiras.

Deixamos de avistar terra, para mais tarde nos surgir Trafalgar, por um lado e a costa de África por outro. O estreito de Gibraltar está à vista; mas por um momento, nesse entardecer, parece-nos avistar ainda as silhuetas das fragatas vitoriosas de Nelson, que aqui gloriosamente perdeu a vida. Já Gibraltar está à vista! Mas ao longe, pois que nos vamos aproximando da costa de África.

E surge-nos o Mediterrâneo; aqui, tudo muda; o ar é outro, mais quente, o céu mais azul, as águas com tonalidades berrantes.

E contra o que sucede ao longo da costa de África, no Atlântico, aqui constantemente se avista um grande número de navios, a maioria petroleiros no caminho do Próximo Oriente. Dezenas e dezenas deles se avistam sempre, de noite e dia.

Ao largo, cada vez mais longe, já mal se avista «el Peñon»; também, dentro em pouco, se deixarão de avistar terras de África

E o navio, ponto minúsculo naquela imensidade, vai sempre e sempre avançando.

A viagem continua...

bordo do atuneiro

«Rio Vouga»

janeiro / 1959

m. bixirão

Um dia, outro e muitos mais se sucedem; é como que um encantamento, parece que o navio não mais sairá do mesmo lugar. Mas chegamos a Dakar; três, quatro horas apenas ali estamos, mas que servem como que para criar novas forças para o prosseguimento da viagem.

E vamos atingindo outras latitudes, com ares mais frescos, agora já com terra à vista, as Canárias tão verdejantes, e os nossos corações vão sossegando, a paz volta aos nossos espíritos; mais e mais a lembrança dos seres queridos e da nossa Terra se vão fixando no nosso pensamento.

Tão longe, tão longe, como ela está, a nossa Terra! Quando veremos nós, a romper pelo mar dentro, qual dedo gigantesco a apontar-nos o caminho certo e seguro, a Ponta do Infante? As Berlengas, a Roca, toda esta costa agreste, mas que é a nossa Pátria?

À nossa Pátria! Oh! como ela é linda e como nós a estremeçemos do fundo do coração!

Terras boas e hospitaleiras, quantas há e quantas vezes nos seduzem, mas que sempre deixamos pela que nos viu nascer!

Costas agrestes, ventosas, batidas pela tempestade? É a nossa Pátria.

Penedias, areais imensos, secos, estéreis? É a nossa Pátria.

Mas também vales lindos e pitorescos, povoações airoas e cheias de sol, criancinhas descuidadas a brincarem nas ruas, capelas branquinhas com a sua cruz protectora a adejar lá no alto e seus sinos a repicarem em ar de festa, rios generosos, terras produtivas, gentes boas e sãs? É a nossa Pátria. É, sim, a nossa Pátria!



... como o mar é grande! Água sempre água...

na cratera de um vulcão extinto, cuja remota actividade é evocada pelo nome — Pedra de Lume.

A água do mar, que se infiltra através de fendas das rochas porosas alagando os jazigos de sal gema, é bombada na vertical até ao nível da cratera e lançada nos grandes tabuleiros rectangulares da salina, onde se faz a extracção do sal de forma muito diferente da usada em Aveiro.

A exploração é feita todo o ano e o sal só é retirado dos tabuleiros das salinas quando a camada atinge uma espessura de 15 a 20 centímetros. Por este motivo, a extracção faz-se com pequenos tractores apropriados.

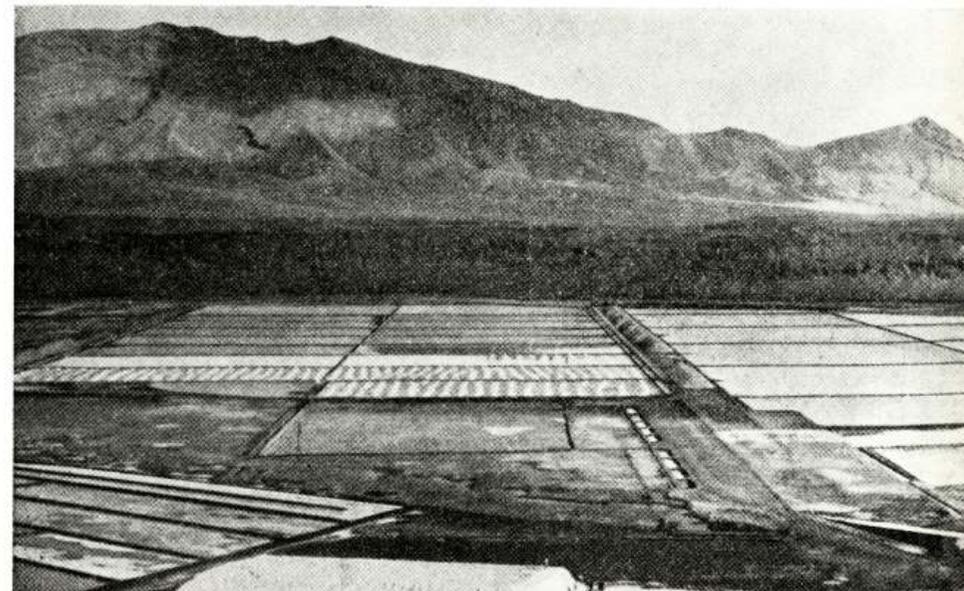
O sal retirado é triturado e transportado por cabo aéreo até à refinaria e armazéns, na enseada de Pedra de Lume, onde é refinado, calibrado e embalado para a exportação.

Vistas dos bordos da cratera, as salinas têm um aspecto maravilhoso, com os rectângulos que as constituem de várias cores, que vão do branco imaculado ao rosa vivo e ao verde, conforme a flora ou fauna microscópica que as povoam.

É um espectáculo maravilhoso e inesperado para quem, depois de subir a encosta rude da montanha, se abeira dos bordos da cratera enorme.

As salinas de Santa Maria são completamente diferentes. Numa planura a 5 ou 10 metros acima do nível do mar, abrem

As salinas de Pedra de Lume



poços donde a água, impregnada de sal, é trazida à superfície por meio de toscos moinhos de vento de madeira que, rangendo e chiando, vão alimentando as salinas. A salinidade da água é tal que nas valas por onde corre se formam blocos de sal de caprichosos formatos.

O sal forma uma espessa crosta nos tabuleiros das salinas, donde é arrancado de três em três meses, triturado, calibrado e embalado em sacos de juta.

O embarque é feito numa velha ponte cais privativa, de madeira, dotada de uma linha «decauville» e de um «derrick» para carga dos batelões que transportam o sal para bordo.

Tanta em Santa Maria como em Pedra de Lume os navios ficam ao largo, a cerca de 300 metros de terra, o que torna por vezes difíceis as operações de embarque e desembarque de passageiros ou mercadorias, sobretudo na época das calimas.

A aridez salgada da ilha tem como consequência, além da quasi completa ausência de vegetação, uma pobreza de fauna absolutamente confrangedora.

Além dos cães, gatos e moscas que se encontram, em pequena quantidade, nos povoados, vêm-se apenas burros, cabras e corvos.

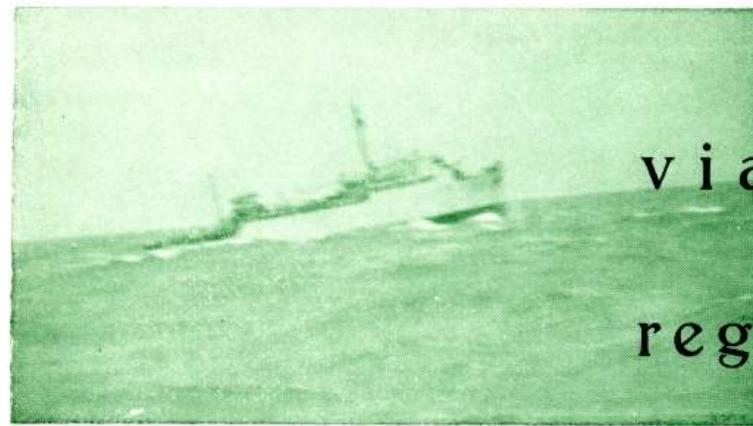
Os burros e as cabras andam em liberdade pelas planuras da ilha, deixando perplexo quem os vê, pois não se pode fazer ideia de que se alimentam.

Bocados de fazenda, madeira, papel ou cartão, tudo lhes serve para matar a fome, uma fome a que estão habituados desde que nasceram.

E assim vão vivendo e se reproduzem, dando-nos uma ideia do poder de adaptação dos seres vivos aos ambientes mais difíceis.

Quando chove, o que é raríssimo, logo a terra refrescada começa a cobrir-se de uma tenue camada de verdura, capim finíssimo que dia a dia se vê crescer, crescer até que a seca, retomando o seu despótico domínio, aniquila implacavelmente estas manifestações de vida que emprestam fugazmente à ilha uma aparência de frescura repousante.

Seca, sede, fome, são o flagelo permanente desta gente pacífica e resignada que, isolada



viagem de regresso

Por um amanhecer calmo, largamos da Baía-Farta, pequeno centro piscatório ao sul de Bנגuela; meia dúzia de «pescarias», meia centena de casas, uma igreijinha a alvejar lá na ponta da «restinga», frente virada ao mar como que a mantê-lo tranquilo, uma toalha de águas calmas e plácidas...

Rumo ao Lobito! Como os nossos corações batem! É o regresso à Pátria, aos seres que nos são queridos.

Pouco mais de duas horas e eis-nos no Lobito, saltando-nos à vista a sua tão pitoresca «restinga», que os olhos ficam presos com tal panorama. Nem parece África, a África dos terrenos calcinados, desprovidos de vegetação, que se avistam do outro lado da baía.

Escassas horas aí estamos; meter água, combustível, mais mantimentos, que a viagem de regresso é demorada.

Ainda se arranja tempo para trocarmos «dois dedos» de conversa com alguns conterrâneos, a lembrar Ilhavo e as famílias distantes e de novo largamos para o mar.

E começa a enorme viagem, ainda com uma ligeira paragem em Dakar, para abastecimento de combustível. Vinte dias a navegar... e como o mar é grande! Água, sempre água e calor, que nos persegue tenazmente, de noite e dia; na casa de máquinas, a temperatura sobe rapidamente.

levantaram-se, descrevendo arcos de tal modo acentuados que quase roçavam a fronte no solo.

É o homemzinho a quem saiu o Totobola — ouvi a meu lado. Não é dos que esbanjam a «massa» com as garotas do Ritz, não! Faz muito bem aos pobres. . .

Dei um pulo na cadeira. Nobel, ao descobrir a pólvora, não deve ter feito tanto estardalhaço. Aí estava a fórmula do bem estar social: FAZER BEM!

Exacto. Se todos os homens da mesma condição estivessem mentalizados nos princípios do altruísmo como aquele, o mundo seria um belo jardim, onde cada flor teria o seu perfume raro.

Que cada qual dê um exemplo — monologuei.

E sem saber como, achei-me no meio da rua, olhando como louco em todas as direcções.

O meu olhar foi cair sobre um arruinado portal, cujas sombras albergavam um maltrapilho que tiritava de frio.

Quedei-me frente ao desgraçado e ante o seu indizível pasmo, despi-me lentamente, ficando como o Pai Adão no Génesis.

Com a serenidade de quem tem a consciência tranquila, acerquei-me um pouco mais e coloquei as roupas a seu lado.

Depois, recuando, abri os braços e clamei:

— Este é o primeiro passo para a construção de um novo mundo onde cada homem completará o outro homem.

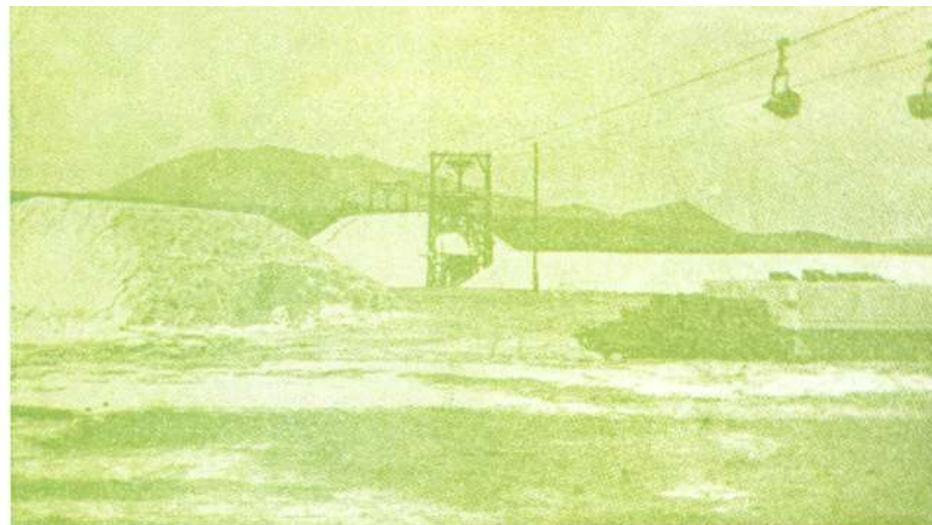
De seguida, tudo se tornou confuso para mim.

De concreto, apenas sei que estou num manicómio.

Ainda ressoam nos meus ouvidos as palavras cruas do psiquiatra-mor:

— É um louco perigoso. Tinha a mania de endireitar o Mundo!

j o ã o c a r l o s s o a r e s



Transporte aéreo do sal na Pedra de Lume

no mar imenso, vive uma vida em que a pobreza e a monotonia são as características dominantes.

E por quase todo o arquipélago, numas ilhas mais noutras menos, a vida é assim.

O que ainda vai valendo a esta gente é o clima extremamente saudável. Não há humidades prejudiciais nem mosquitos transmissores de doenças. Nem tudo pode ser mau. E esta gente, de feito indolente e brando, também se diverte e distrai, com os seus bailaricos ao som das marnas e coladeiras, belas expressões musicais do folclore de Cabo Verde.

O mar em volta é abundante em peixe, mas os pescadores são poucos e os processos primitivos. Pesca-se principalmente atum, biculta (espécie de pescada) e lagosta. Os perceves, abundantíssimos nas rochas vulcânicas da costa, atingem tamanhos inconcebíveis — trinta centímetros e mais.

Exceptuando o peixe e algum leite e ovos, tudo o que é alimento é importado das outras ilhas ou da Metrópole.

As comunicações com o resto do arquipélago são por vezes difíceis.

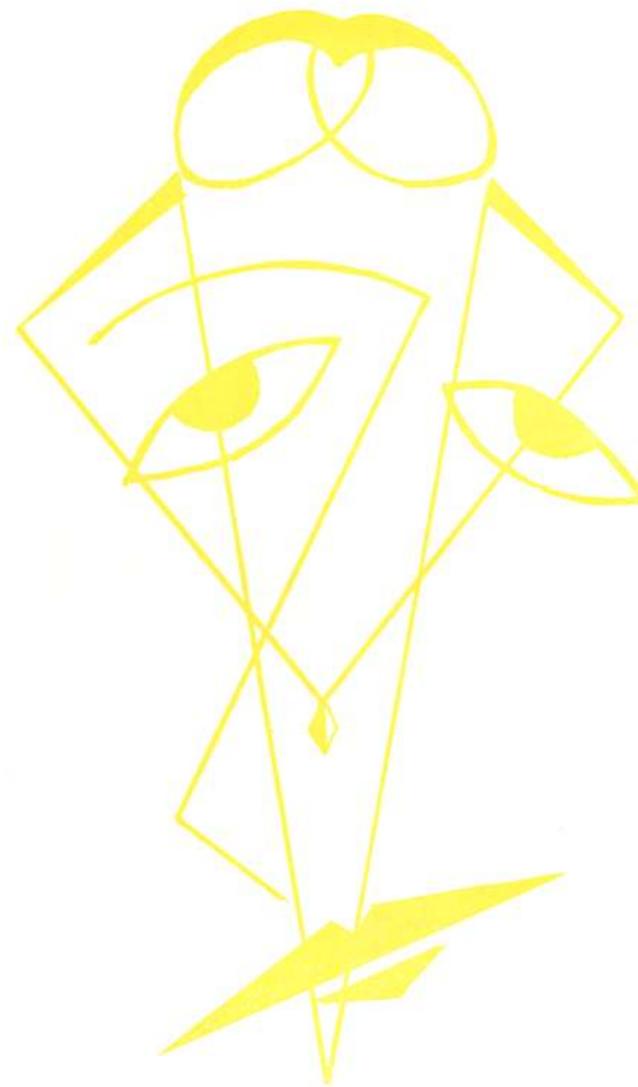
Há uma carreira regular de aviões, 3 vezes por semana, da

Praia a São Vicente, com escala pelo Sal e São Nicolau, dotada de dois aviões de 6 lugares, mas com um só piloto.

As comunicações por mar fazem-se por meio de velhos palha-botes que de vez em quando tocam em St.ª Maria e Pedra de Lume e agora também pelo « Santo Antão », moderno navio-motor de ca-botagem que serve todas as ilhas.

Quanto a comunicações internas, há as ruas asfaltadas do Es-pargo (aeroporto) e o resto são trilhos apenas demarcados, por onde os « jeeps » se vão desconjuntando e moendo os ossos dos seus ocupantes.

E é isto a ilha do Sal, que com os actuais acontecimentos de África e mercê da posição extraordinariamente feliz do seu aeroporto, tem cada vez maior importância nas ligações entre as várias parce-las do Mundo Português.



Tens razão, ó Génio! Como tu, sou escritor e tenho o dever de irmanar num amplexo fraterno os mortais como eu!

— Quem teria apregoadado que o « homem é o lobo do homem »?

Pronto, lá volvo outra vez o pensamento ao princípio. Irrra, que mania. Não tem que ver, é sina minha...

Uma corrente de ar fresco fustigou-me o rosto. Fez a sua aparição na sala um sujeito pródigo em tecido adiposo, de grosso charuto entalado nos lábios.

À sua passagem, as pessoas

procurar, procurar sempre. É preciso dar o que de válido temos para converter o negativo em positivo.

Mas haverá positivo? Haverá negativo? Ó meu Deus, já nem sei o que digo...

Ah! A novela! . . .

«... E a mulher de casaco verde encolheu os ombros. Não lhe interessava aquele rapaz. Ainda se ele fosse rico...»

Não, isto não pode ser. Porque se não cala esta gente? O barulho excita-me. Porque não vêm a televisão em silêncio, porquê?

Olhei o pequeno écran. Uma orquestra sinfónica qualquer executava um trecho de Beethoven. Os acordes, filtrados através das vozes daquela aglutinante mole humana, chegavam até mim já diluídos.

Descontraí-me na cadeira e comecei a brincar com o fumo do cigarro. Ao certo, não sei o tempo que passou. Quando me concentrei, o silêncio era senhor do ambiente.

As mesmas pessoas estavam presentes, mas agora abarcavam o televisor com o olhar. Pudera! A Amália Rodrigues cantava um fado chorado, de um sentimentalismo tão piegas que até metia faca e alguidar!

Mas... afinal em que ponto da novela ia eu? Hum! Hum! Hum! Cá está!

«A mulher do casaco verde, obcecada pelo desejo feroz de deslizar a cem à hora no carrinho cinzento, ao lado de Carlos...»

Não, um escritor a sério não pode escrever ridicularias. Que tem isto de construtivo? Que sumo se pode extrair desta história «tidesca», para ser bebido pelo meu semelhante?

Numa fúria louca rasguei em mil pedaços a história da mulher que traiu o amor.

Apertei a cabeça com frenesi. Deste acto de desespero, brotou-me, límpida, a frase sublime de Lorca — «Há que dar o perfume que encerram nossas almas».



13



DANDO início à colaboração, que bastante nos honra e de há muito buscávamos, dos Capitães da nossa Frota, publicamos a seguir um artigo do Capitão João Laruncho de São Marcos, do arrastão «Santo André».

Distinto Capitão da Marinha Mercante e destacado Comandante na frota de pesca portuguesa, o trabalho que apresentamos foi escrito precisamente em 1953, no seu Curso Complementar da Escola Náutica, frequência de Direito Comercial Marítimo.

Embora devamos considerar que foi escrito já há 10 anos, pareceu-nos que o seu conteúdo principal se mantém perfeitamente actual e com muito interesse.

Esperamos que este seja realmente o início de uma assídua colaboração, quer do Capitão São Marcos, com novos artigos ou actualização deste seu trabalho, quer de todos os outros Capitães, registando com prazer que já neste número podemos inserir também uma colaboração do Capitão José Pereira da Bela, o qual, embora actualmente a prestar serviço nos nossos escritórios, nos narra um episódio da sua já longa vida marítima, em que sempre se distinguiu como oficial competentíssimo.

o capitão e a pesca do bacalhau

O Capitão é, como todos sabemos, a primeira e principal figura a bordo de qualquer navio, sem distinção de tonelagem.

Quando o homem, na sua ansiedade de expansão, começou a utilizar o mar como via de comunicação entre os povos, teve desde logo necessidade de construir embarcações com a robustez e dimensões necessárias para poder enfrentar a força dos elementos e do mar.

Na vastidão oceânica, não poderiam ser utilizadas as pequenas e frágeis embarcações fluviais, que derivando ao sabor das correntes, nas proximidades da terra e ao abrigo das tempestades, ocupavam na sua condução um diminuto número de homens.

Foi então que, dada a necessidade de chefia para coordenação e coesão dos homens empregados nesses navios, apareceu o capitão, a que os romanos chamavam *magister*. As suas funções eram limitadas à coordenação e chefia da marinhagem, deixando a orientação e rota ao *nauta*, homem prático e especializado na arte de navegar. Ao proprietário cabia a parte comercial, seguindo a bordo com essa finalidade.

Porém, com o desenvolvimento dos transportes marítimos, cujo fim era o intercâmbio dos produtos comercializáveis, sobrevém o navio sob o aspecto comercial e, na impossibilidade

homem diferente

Num rasgo de inspiração, Deus criou o mundo. Extasiado ante a sua obra, como qualquer artista, quis ir mais além e concebeu então o bicho-homem, dando-lhe um pouco de si mesmo. Em princípio pensou-o à sua semelhança, mas tendo de o dotar de um cérebro e tendo uma possível igualdade, resolveu insuflar-lhe no espírito a ideologia do rival Satã. Assim, o homem tornou-se um complexo mundo à parte, cabendo-lhe o papel de destrinçar o Bem do Mal.

Cada indivíduo procurou outro indivíduo e da sucessão da procura gerou-se a utópica sociedade, à frente da qual surgiram os « Manda-Chuvas ».

Estes, salvo raríssimas exceções, foram « comendo as papas na cabeça » dos seus súbditos e escudados no lema « Todos devem trabalhar para o bem comum », adornaram a sua existência com uns pecúliozitos, quedando-se embalados num « dulce far niente ».

Os micróbios (bacteriológicamente falando, os outros!) resolveram pura e simplesmente imitá-los e assim chegámos aos nossos dias, cabendo-me honestamente confessar que « um meio anda a tramar o outro meio ».

Ora esta! Afinal vim para este café tentar coordenar ideias para dar continuidade a uma novela que trago entre mãos, e encontro-me envolto em cogitações de índole genuinamente social. Ora esta!

Tento concentrar-me, aprofundando o subconsciente em busca de uma ideia.

Bolas para o eterno problema do escritor. Procurar,



Na senda dum progresso em que se mantem há longos anos na vanguarda, a E. P. A. está a remodelar o seu arrastão «Santa Mafalda» e a construir dois novos arrastões.

Se a transformação daquele, embora profunda, se segue e se iguala à que já foi efectuada no «São Gonçalinho» e «Santo André», a construção dos dois novos arrastões não pode deixar de nos merecer um realce especial.

Trata-se, realmente, dos dois primeiros arrastões bacalhoeiros portugueses que utilizarão o sistema de arrasto pela pôpa, numa inovação que revolucionará, estamos certos, a indústria da pesca do bacalhau em Portugal.

Além disso, esses barcos disporão de vários outros melhoramentos em relação aos arrastões clássicos, que os colocarão em posição ímpar na frota portuguesa de pesca do bacalhau.

Esperamos, em ocasião mais oportuna, dedicar mais espaço a estes arrastões, dando então pormenores mais concretos sobre as suas enormes possibilidades.



renovação
e ampliação
da frota

do desdobramento do mesmo proprietário, teve este necessidade de declinar num seu representante as funções que até aí ocupava.

Numa evolução de milénios, sobrevem por fim o capitão, como o indivíduo especializado na arte de navegar e fiel depositário do armador no respeitante aos seus interesses no navio e carga.

Durante séculos, foi a navegação constituída unicamente por navios de vela que singravam os mares à mercê e capricho dos ventos. Deste modo, as viagens alongavam-se por anos e, sem outros meios de comunicação com o proprietário, foi necessário que este delegasse no capitão plenos poderes que o autorizassem a comerciar e orientar a viagem conforme o seu critério. Attingiram assim os seus poderes tal culminância, que diziam os velhos capitães: «Deus no céu e eu a bordo do meu navio».

Porém, em nossos dias, com o desenvolvimento do comércio marítimo e das vastas organizações em terra, como agências, consignatá-

rios, delegações de inspecção das companhias mercantes, etc., e ainda com a facilidade de comunicações entre o navio e o armador, foram as atribuições do capitão, sob o aspecto privado, reduzidas ao ponto de se limitarem quasi exclusivamente a disciplina da tripulação e condução e orientação do navio quando no mar.

Assim, o capitão passou a ser nada mais do que um empregado por conta de outrem, a quem, ao ser iniciada a viagem, são entregues ordens específicas no respeitante à parte comercial e até mesmo sob o aspecto técnico.

Esta diminuição de poderes em nada afectou o comércio marítimo, antes nos aparece como resultado do seu desenvolvimento.

joão laruncho de
são marcos

capitão da marinha mercante

● história da pesca do bacalhau

O início da pesca do bacalhau pelos portugueses data do século XIV, comprovada por documentos históricos, que atestam o interesse com que as pescas eram olhadas e o incremento que teriam já, nessa recuada época da nossa história.

Nos primórdios da nacionalidade, eram os pescadores olhados com respeito e considerados como classe de elite. Profundamente cristãos, os portugueses encontraram na religião a razão do seu respeito pelos pescadores, chegando a julgá-los nobres e cumulando-os de imensos privilégios.

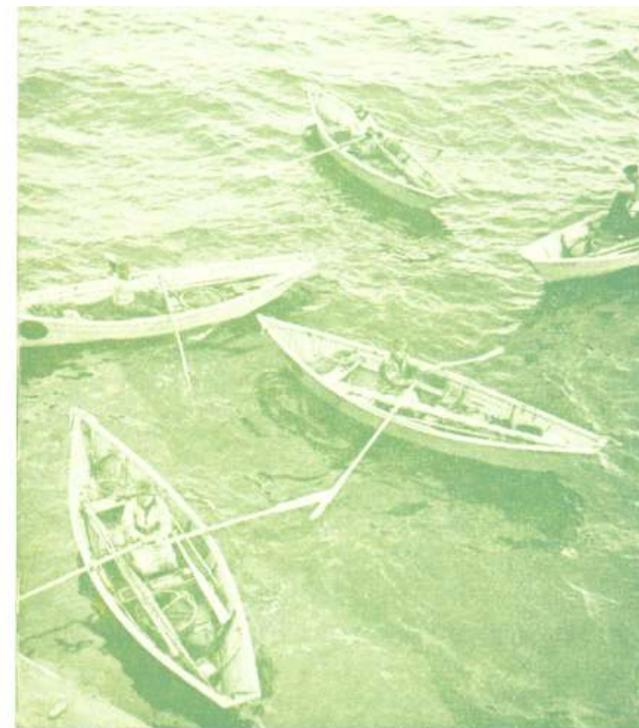
Assim foram criadas condições ótimas ao advento dos marinheiros que mais tarde iriam às descobertas.

No Reinado de D. Pedro I, em 1353, foi firmado com Eduardo III de Inglaterra um tratado que autorizava os pescadores portugueses a exercerem durante 50 anos a pesca nas costas daquele país, em cujos mares abundava, como principal espécie ictiológica, o bacalhau e à pesca do qual se dedicavam os povos ribeirinhos.

Em meados do século XV, com a descoberta pelos irmãos João e Gaspar Corte Real dos Bancos da Terra Nova, imensamente ricos em bacalhau, iniciou-se uma era de prosperidade para a indústria bacalhoeira portuguesa. Foi tão grande e rápido o desenvolvimento atingido que, 50 anos mais tarde, aparecem as primeiras leis de coordenação económica impostas à indústria.

Na ilha da Terra Nova, estabeleceram os portugueses feitorias que utilizavam durante o período de pesca, de Maio a Outubro, e aonde preparavam o pescado — escalando, salgando e secando — que no regresso a Portugal enchia os seus porões.

Destas feitorias, podemos mencionar as de Conception e Portugal Cove, aglomerados populacionais que, na Conception Bay, ainda hoje nos recordam os portugueses bacalhoeiros do século XVI.



Nos «scurrys», os pescadores cantavam:

*Este ano não há peixe.
Esta vida não está má
Ficam de guarda ao Mato Leige
O Lsbrincha e o Parracá*

E algo dessas conclusões tinha foros de verdade, pois chegámos a vir com a alimentação racionada rigorosamente...

Mas ao fim de 28 dias, estávamos finalmente à vista da barra de Aveiro.

À entrada, junto à «meia-laranja», avistámos um bocado da proa do nosso companheiro «Ariel», lá mais para dentro, outros dois bocados.

Víamos então a saber que as nossas famílias tinham resolvido que, se até ao domingo seguinte não surgíssemos à barra, vestir-se-iam de luto, pois nada mais se poderia esperar. Mas foi na véspera desse dia que aparecemos.

E tudo isto se passava e se passou sem que as famílias recebessem notícias nossas desde a partida para aquelas paragens, a não ser pelos camaradas que iam chegando e que por acaso tivessem estado à nossa vista... Aconteceu em 1919, há 44 anos!... Como isto vai longe!...



Antes da largada, tinham os dois capitães combinado navegar para Portugal sempre juntos, pelo menos até aos Açores, caso fosse possível, mas nessa primeira noite, devido a um grande temporal, logo se perderam de vista para se não tornarem a encontrar durante a viagem.

O «Ariel», de linhas bem lançadas, navegava bem, mas o «Nazaré 2.º», barco de linhas grosseiras, que era até alcunhado de «O Tamanco» ficou para trás.

Cerca de 15 dias depois, estava o «Ariel» à barra de Aveiro. Alegria geral em terra, para os que viam chegar o navio dos seus e não cobiam em si de contentes. Os familiares da tripulação do «Nazaré 2.º», anciosos, perscrutavam o horizonte, tentando descortinar uma vela, mas em vão e todos os dias ali iam, esperando, esperando sempre.

Entretanto, o «Ariel» foi chamado para a barra (não havia, como hoje, um rebocador). E à força e à feição do vento, aproa para entrar. Porém, inesperadamente, bate num banco de areia, desgoverna e em poucos momentos, regista-se a perda total de um barco que não chegou a completar a sua primeira viagem.

Nós, ainda longe, lá vínhamos navegando a «passo de boi», preocupados principalmente com a falta de mantimentos.

Em terra, chegara-se à conclusão que já não devíamos ter que comer, nem água, ou que o temporal que apanháramos à saída dos bancos fora tão forte que o «Nazaré 2.º» não teria aguentado...

No «Tratado das Alfândegas em Portugal», Sales Lencastré refere que «o produto das pescarias de bacalhau opulentou várias terras de Portugal, principalmente Viana da Foz do Lima e Aveiro, chegando a sair desta última cidade sessenta navios, em 1550, para o exercício desta pesca».

Em 1506, D. Manuel I promulga uma lei impondo que seja para ele arrecadada a dízima do pescado da Terra Nova.

No Reinado de D. João III e D. Sebastião, esta actividade mereceu aos governos tão grande atenção que, com o fim de proteger a indústria, foi publicado um regimento privativo para as frotas que anualmente seguiam para essa pescaria.

Porém, com o advento dos Filipes em Portugal e devido às guerras que Filipe I manteve contra Isabel de Inglaterra e Holanda, foram os portugueses afastados dos mares da Terra Nova pelos ingleses, sofrendo a indústria um golpe decisivo que a levou ao desaparecimento.

Durante dois séculos, abandonámos completamente essa pesca e só em 1835 nos aparece de novo, com a criação da «Companhia de Pescarias Lisbonense», que mandou vir de Inglaterra seis escunas equipadas para a pesca do bacalhau, bem como os respectivos mestres de pesca e marinheiros. Esta companhia foi dissolvida por decreto de 27 de Abril de 1857, mas estava lançada de novo a semente da indústria da pesca do bacalhau em Portugal.

Apesar disso, é só a partir de 1880 que ela nos aparece definitivamente, chegando aos nossos dias sem solução de continuidade.

O Capitão Ferreira, açoriano de nascimento e pescador em Boston, regressa a Portugal e arma o primeiro navio do que podemos considerar terceiro período da indústria no nosso país. Saído da Figueira da Foz com destino a Boston, aí se abasteceu e muniu dos apetrechos necessários ao exercício da pesca, tais como dorys e sua palamenta, linhas e anzóis, facas, etc..

Imediatamente, outros armadores apareceram a mandar os seus navios aos bancos da Terra Nova, mas todos, antes

de iniciar a campanha, rumavam a Boston a abastecer-se.

Daqui a razão por que a nomenclatura dos apetrechos bacalhoeiros é quasi toda constituída por nomes ingleses ou vocábulos dessa lingua deturpados.

Contam-se às dezenas estas palavras e até a cozinha, nestes navios, se apresenta eivada da mesma influência.

Ao cozinheiro era dada uma categoria de tal relevo a bordo, que ele quasi se media pela bitola do imediato.

Esta situação era originada pela necessidade que havia, dada a morosidade das viagens e as pequenas dimensões dos navios, relativamente ao número de homens que alojavam, de que o paiol e a aguada fossem inexgotáveis, por qualquer processo possível ou imaginário, para não comprometer o bom êxito da campanha. Este intrincado problema era solucionado pelo mestre cozinheiro, a quem os capitães entregavam os paióis de mantimentos.

Ainda hoje, nos navios da pesca à linha, este elemento da mestrança é o chefe do pessoal pescador dentro do rancho, impondo a todos a disciplina e os preceitos de higiene.

Cerca de 1900, era a frota nacional de pesca do bacalhau constituída de pequenos veleiros que não ultrapassavam em capacidade os 3000 quintais e a sua tripulação não ia além dos trinta homens. Quando a Parceria Geral de Pescaria de Lisboa reconstruiu o «Gasela I», único lugre patacho que ainda cruza os mares com matrícula portuguesa, dando-lhe uma capacidade para cerca de 6000 quintais, era tal a desproporção desta unidade, comparada com as da época, que foi alcunhada pelos pescadores como o «Gaselão» e de tal forma os intimidava que se lutou com dificuldades para formar a sua companhia.

Em 1930, a indústria bacalhoeira atinge um ponto tal que o seu desaparecimento está eminente. Os navios que constituem a sua frota são velhos veleiros e os bancos da Terra Nova estão exaustos ou pelo menos, as suas condições não são óptimas para que o bacalhau os procure. Por informações de pescadores franceses, sabe-se que nos Bancos da Groenlân-

bacalhau pos idos

posta», até que tiveram de ficar a concluir a campanha de pesca, durante bastante tempo, nos baixos denominados Virgin's Rocks, principalmente no «Main Leige», o baixo principal, como o nome o indica.

Esta demorada estadia deveu-se ao facto do «Nazaré 2.º» estar privado de suspender o ferro constantemente, como era preciso quando a pesca se fazia fora daquele local, porque algumas peças do molinete, os «macacos», rebentavam com facilidade, e só havia a bordo as que estavam montadas no referido aparelho de suspender a amarra.

E por ali se ficaram os dois navios, sózinhos, sem saberem se os outros barcos já teriam ou não largado para o seu regresso a Portugal. Nesse tempo, depois do dia 5 de Outubro, nenhum navio português ficava nos bancos, mas aqueles dois continuaram ali até ao dia 25 desse mês, esperando que a pesca melhorasse e atenuasse a fraca pesca que tinham feito até então.

Tal facto foi até cantado pelos pescadores, quando nos botes, durante a pesca, com a seguinte quadra:

Este ano não há peixe,
Esta vida não está má,
Ficam de guarda ao Main Leige
O Labrincha e o Parracá

No dia 25 de Outubro, já com o vento a refrescar, vimos o «Ariel» com a bandeira nacional no topo, sinal de que ia suspender para a largada em direcção a Portugal.

Imediatamente, o nosso capitão deu também ordem para levantar o ferro e foi içar a nossa bandeira. Foi grande a alegria sentida por todos.

narração de capitão José Pereira da Bela

Vamos tentar contar um pequeno episódio dos muitos a que assistimos em tempos já distantes, tempos em que ainda não havia nos bacalhoeiros, telegrafia, telefonia, sondas, gónios e outros aparelhos que só há pouco começaram a ser utilizados nesses barcos. E arrastões, só franceses havia, e mesmo assim, poucos.

sem comunicações

Lembro ainda, de quando era rapazola, a chegada de cartas vindas dos bancos. Era um alvoreço em Ilhavo. Todos corriam a casa dos que tinham a dita de receber alguma carta, para saberem notícias dos seus.

Nessa época, as cartas eram entregues nos bancos a qualquer barco que por ali passava na sua viagem e que fazia o favor de parar a pedido dos capitães dos bacalhoeiros, para lhas levar e as enviar do primeiro porto em que tocasse, pondo-as no correio sem selo. Depois, era a chegada destas desejadas cartas ao seu destino, passado muito tempo (pois não havia correio aéreo) e com a multa regulamentar, que nesse tempo era de \$50, ou seja, o dobro da franquia nacional, mas que os familiares pagavam com grande alegria...

A chegada dos navios aos portos ou em frente às barras só era conhecida quando eles apareciam à vista.

Na primeira viagem que fizemos aos Bancos da Terra Nova, deu-se um caso que mostra bem o que era a falta de comunicações.

Seguimos como piloto no palhabote «Nozaré 2.º», cujo capitão era o falecido Fernando Matias, o «Parracá». Em outro dos navios portugueses, um novo lugre denominado «Ariel», eram capitão e piloto, respectivamente, os saudosos capitães Manuel Labrincha e Chico Calão.

Os capitães dos dois navios, durante a pesca, resolveram trabalhar em conjunto, acompanhando-se sempre em qualquer «em-

a pesca do em tem

dia, dentro do Estreito de Davis, a pesca é abundante.

É então que o capitão João Pereira Cajeira tenta a subida do estreito, mas, sem outra carta marítima além do plano geral do Norte Atlântico, cai sobre o Cabo Farwell e a tripulação, sem agasalhos para se poder defender dos frios do Ártico, roga ao velho capitão que volte ao Grande Banco.

Em 1931, Egas Salgueiro, figura primordial dos armadores portugueses da pesca do bacalhau, inicia uma nova era para a indústria bacalhoeira nacional, ao reunir os seus capitães e ao resolver com eles jogar a grande cartada, tentando a exploração dos Bancos da Groenlândia.

Já não estamos na época das descobertas, mas sem dúvida devemos admirar o feito, visto tratar-se duma tentativa na defesa da indústria, tentativa que poderia redondar em queda abissal da empresa que o seu autor geria.

Os navios também não são já as velhas naus de antanho, mas para quem conhece o estreito de Davis, com os seus gelos em campos infindáveis e as suas névoas e sabendo que os navios eram simples veleiros sem qualquer propulsão mecânica, ao sabor das correntes e dos ventos, muitos dos quais tinham mais abatimento do que seguimento, por certo que saberá dar o merecido valor aos que tal viagem empreenderam.

Batidos de novo os Bancos da Terra Nova

1930. Documento histórico. O «Santa Joana» saindo a barra de Aveiro para tentar os pesqueiros da Groenlândia. Na muralha, o armador Egas Salgueiro e o Capitão João Cajeira, que seguiria dias depois no «Santa Matilda»



nesse ano, nada se encontrou que promettesse uma boa safra. E sem que nada soubessem uns dos outros, além do que em terra tinham acordado com o seu armador, pois que nenhum meio de comunicação existia, verificando cada um por si o depauperamento dos Bancos, seguiram uns após outros com rumo ao W., para o Ártico, dentro do Estreito de Davis. Foram quatro os navios portugueses que em 1931 pescaram dentro do círculo polar: os lugres «Santa Joana», do



Campos de gelo na Groenlândia

comando do capitão João da Cruz, «Santa Isabel», comandado pelo capitão Manuel Labrincha e «Santa Mafalda», pelo capitão João Pereira Cajeira, da Empresa de Pesca de Aveiro e o lugre «Santa Luzia», da Empresa de Pesca de Viana, do comando do capitão Aquiles Bilelo, que conhecedor do que os seus camaradas iam tentar, se dispôs a arcar com todas as responsabilidades inerentes ao empreendimento e seguiu também

nômica das fases da fundição dos aços, a velocidade do fluxo dos gases nos altos fornos, observam-se as alterações na estrutura das ligas metálicas.

Os isótopos permitem determinar o desgaste das ferramentas de corte ou de peças de máquinas, mesmo em funcionamento, sem necessidade de as parar ou desmontar.

A gama-radiografia de peças metálicas e juntas soldadas revela-nos a existência de fissuras dissimuladas ou outros defeitos.

Podemos fazer também um controle contínuo da espessura da laminação dos aços durante a fabricação.

Os radioelementos permitem igualmente detectar a menor fenda nos reservatórios e nas canalizações.

A importância dos isótopos radioactivos no desenvolvimento da ciência moderna encontra uma nova demonstração num processo baseado sobre a medida do carbono 14.

Este processo, utilizado para conhecer a idade de todos os objectos contendo carbono, baseia-se no facto de que o ácido carbónico do ar contém uma determinada quantidade de carbono 14.

Logo que este ácido carbónico é assimilado, por uma árvore, por exemplo, a proporção de C14 que ela contém

decrecerá, por que este isótopo é radioactivo; não restará mais do que a sua metade ao fim de 5 000 anos, um quarto após 10 000, etc.

Basta, pois, estabelecer (com o contador de GEIGER) a relação entre o carbono radioactivo e o carbono estável (carbono 12), para calcular a época em que a árvore assimilou este ácido carbono.

Métodos idênticos permitem calcular a idade de um sarcófago egípcio, de uma pirâmide mexicana, etc.

Pôde-se avaliar mesmo a idade do Universo (cerca de 8 bilhões de anos).

Os exemplos apresentados para a utilização dos radioisótopos constituem uma pequena parte das enormes possibilidades desta nova ciência. O extraordinário desenvolvimento de que se reveste na actualidade o estudo dos isótopos radioactivos, as inúmeras aplicações que tem nos mais diversos campos da actividade humana, deixam-nos antever um futuro brilhante. Os benefícios já trazidos no combate dos males que afligem a humanidade, fazem esquecer de certo modo que os radioisótopos são um produto consequente da fabricação da bomba atômica.

Há males dos quais resultam alguns bens.

No próximo número: A BOMBA ATÔMICA

O fósforo radioactivo, quando ingerido ou introduzido no organismo por via endovenosa, fixa-se muito lentamente nos tecidos cerebrais, devido ao baixo índice de metabolismo para com o fósforo. Porém, quando existe um tumor cerebral, os tecidos degenerados fixam aquele elemento em proporção muito mais elevada, o que permitirá diagnosticar o tumor e precisar mesmo a sua posição e volume.

O fósforo radioactivo empregase ainda no tratamento de tumores e outras doenças superficiais da pele, tais como eczemas, angiomas capilares, etc.

A agricultura tem feito progressos importantes com a utilização dos radioelementos nas suas pesquisas. Seguindo o caminho duma matéria radioactiva no solo, nas plantas ou nos animais, os técnicos puderam resolver certos problemas apresentados pela utilização eficaz dos adubos, doenças dos vegetais, alimentação dos animais, etc.

Os fisiólogos e os biólogos têm podido estudar os fenómenos que se desenrolam numa folha, o metabolismo do carbono nas plantas, a repartição do fósforo nas folhas, fazer investigações com o fim de descobrir os segredos da fotossíntese nas plantas — síntese dos hidratos de carbono a partir do anidrido carbónico e da água,

efectuada pelas células possuidoras de clorofila, sob a influência da luz. Verificaram-se detalhes importantes nos estados sucessivos das transformações do carbono assimilado no decurso da fotossíntese.

Pela irradiação de microorganismos, os biólogos descobriram novos microorganismos, produzindo quantidades elevadas de antibióticos preciosos (penicilina, biomicina, etc.). Por outro lado, as mesmas radiações dos isótopos radioactivos aplicados em diferentes doses, matam os microorganismos, quando se pretendem esterilizar instrumentos, recipientes, produtos alimentares (como, por exemplo, a esterilização de conservas).

Utilizam-se os raios gama do cobalto radioactivo para reter a germinação dos legumes durante longos períodos de conservação.

Pela irradiação de grãos das plantas, criaram-se novas espécies de maior porte (destinadas a forragens) e aumento de produtividade.

A ciência dos radioisótopos aplicados na indústria tem permitido economias consideráveis de tempo e de dinheiro. Ensaio ou testes mecânicos que requeriam outros dias ou meses de observação, podem agora ser feitos em alguns minutos.

A utilização dos isótopos radioactivos na indústria é extremamente variada. Com eles controlam-se mais fácil e eco-



1930. O «Santa Mafalda» regressa com carregamento completo



para o Norte. Eram tais as condições náuticas deste último veleiro que, tendo-se cruzado durante a viagem com o «Santa Mafalda», passou-lhe este um cabo de reboque para o aguentar a barlavento. Assim navegaram os dois veleiros, ligados durante 56 horas, até que uma tempestade rebentou o cabo.

Salvo este contacto, nada mais souberam uns dos outros até à sua chegada a Portugal, com um farto carregamento.

Em 1935, de novo Egas Salgueiro aparece num grande empreendimento. Apesar de ter sido já tentada a pesca do bacalhau por arrasto pela Parceria Geral de Pescarias, com o navio «Elite» e de ter sido gorada a tentativa, Egas Salgueiro manda construir na Dinamarca um grande navio de 1200 toneladas de carga, o «Santa Joana», apetrechado e destinado exclusivamente à pesca do bacalhau na modalidade de arrasto, sob a orientação e moldes dos arrastões franceses. Suportados os reveses das duas primeiras campanhas, consegue por fim uma pesca frutífera, lançando desta maneira mais uma modalidade para a indústria.

De tal ordem tomou incremento esta modalidade que, em quinze anos, foi possível, mediante as facilidades concedidas pelo Governo depois da criação do Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau e da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, construir e armar vinte e dois grandes arrastões para a pesca do bacalhau.

(continua)

a gestão dos «stocks»

(continuação)

OS «STOCKS»

1 — «stocks» reais e «stocks» virtuais

Os «stocks» de materiais devem ser constituídos de acordo com as necessidades de fabricação. Logo que as encomendas dos clientes são recebidas, o serviço comercial certifica-se da existência em armazém dos materiais necessários para obtenção dos produtos encomendados ou põe a funcionar o sistema de compra.

Existem, pois, duas espécies de «stocks»:

a) Os «stocks» reais encontram-se realmente em armazém

Um «stock» real está *disponível* quando não se encontra ainda designado para uma determinada fabricação.

Um «stock» real está *reservado* quando o seu emprego está previsto. Embora esteja em armazém, deve ser considerado como não disponível, a menos que possa ser repostado antes do começo da fabricação para a qual é destinado.

a aplicação dos radioisótopos, teve uma enorme importância nos domínios da medicina, biologia, agricultura, indústria, etc.

Os radioisótopos artificiais dum mesmo elemento têm todas as propriedades químicas desse elemento, constituem os mesmos compostos químicos e entram nas mesmas reacções. Esta propriedade tem larga aplicação na biologia e na medicina.

Introduzido no organismo um composto radioactivo, por exemplo, o iodo 131, este sofrerá as reacções e transformações do mesmo composto, mas de iodo não radioactivo, e o elemento não fixar-se á nos órgãos para os quais tem afinidade.

Uma vez introduzido na circulação do sangue, como é radioactivo, emite partículas que atravessam os tecidos e podem ser detectados pelo contador de GEIGER (este aparelho tem uma sensibilidade tal que uma gota de água radioactiva pode ser identificada em 50 milhões de litros de água comum; esta extraordinária precisão revolucionou os métodos de pesquisas em todos os domínios da ciência) que permite acompanhar o caminho seguido pelo radioelemento e portanto a duração do percurso, a intensidade das radioacções e a quantidade fixada em cada órgão.

Graças à extrema sensibilidade dos detectores, podem injectar-se no corpo humano radioisótopos em doses inofensivas.

Por comparação dos resultados obtidos em organismos normais, assim se poderá fazer o diagnóstico do individuo doente.

É actualmente vastissimo o campo de utilização dos radioisótopos e a eles se devem enormes progressos no diagnóstico e cura de muitas doenças, no desenvolvimento da indústria e agricultura, na física, química, metalurgia, bacteriologia e fisiologia animal e vegetal.

aplicações

Vejamos algumas aplicações dos radioisótopos.

Começamos por apresentar alguns exemplos de utilização de radioelementos em medicina. No caso do iodo radioactivo 131, verificamos que a sua maior parte fica retida na glândula tiroide e, conhecendo-se a dose fixada em individuos normais, fica a saber-se se há anomalia de funcionamento. O iodo radioactivo permite-nos, pois, determinar o estado de funcionamento da glândula tiroide.

O sódio radioactivo é aplicado para medir a velocidade da corrente sanguínea e a permeabilidade dos vasos, o que revela o comportamento do sistema cardio-vascular.

O tratamento dos cancros inoperáveis tem beneficiado muito com a aplicação intersticial do tántalo 182 e do cobalto 60.

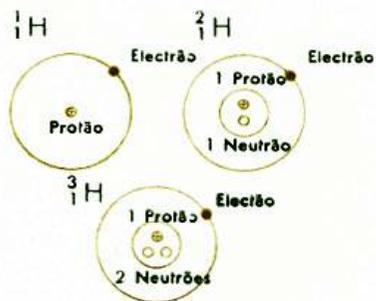


fig. 1—Modelos dos isótopos de hidrogénio

As propriedades químicas dum elemento dependem somente do cortejo electrónico do seu átomo. Como os isótopos dum elemento têm o mesmo número de electrões planetários, as propriedades químicas dos isótopos desse elemento são idênticas.

Por outro lado, como os isótopos variam apenas no número de neutrões do núcleo, apresentam massas diferentes.

Na natureza, a maioria dos elementos apresentam-se constituídos por uma mistura de dois ou mais isótopos. Assim, o urânio, tal como é extraído do mineral, é constituído pela mistura de dois isótopos, o urânio $^{238}_{92}\text{U}$, mais abundante, e o $^{235}_{92}\text{U}$. Os dois isótopos possuem o mesmo número de electrões (92), mas o número de neutrões é diferente (136 contra 143). Por sua vez, o cloro é uma mistura de 3/4 partes de átomos de massa 35 ($^{35}_{17}\text{Cl}$) e

1/4 parte de átomos de massa 37 ($^{37}_{17}\text{Cl}$). O peso atómico do cloro é então, $3/4 \times 35 + 1/4 \times 37 = 35,5$.

Observando o desenvolvimento das famílias radioactivas, verificamos que há vários elementos com o mesmo número atómico e números de massa diferentes; são portanto isótopos do elemento considerado. Como são isótopos radioactivos denominam-se, por isso, *radioisótopos*.

Falámos até aqui de radioactividade natural, isto é, da desintegração espontânea de elementos que se encontram na natureza.

Porém, em 1934, Irene Curie (irmã de Marie Curie) e seu marido Frédéric Joliot descobriram pela primeira vez a *radioactividade artificial*, processo de obter artificialmente elementos radioactivos, particularmente isótopos radioactivos.

Contam-se por mais de 1000 os radioisótopos artificiais, contudo só uns 13 radioisótopos têm utilidade prática, pela razão de que a maioria tem uma vida extremamente breve, devida ao seu período de semi-desintegração ser muito curto.

Os isótopos radioactivos artificiais são produzidos em reactores nucleares, aceleradores e instalações de separação.

A descoberta da radioactividade artificial e por conseguinte

b) Os « stocks » virtuais

ou « stocks » a receber, são aqueles que foram previstos para uma fabricação e encomendados a um fornecedor. Sendo aguardados numa data determinada, eles figuram no inventário permanente, mas não estão em armazém.

II — gestão dos « stocks »

Na maior parte das empresas, os « stocks » representam uma parte importante do capital. *A gestão dos « stocks » consiste, pois, um problema de importância primordial*, cujo estudo deu lugar às seguintes regras:

- os « stocks » devem ser suficientemente importantes para que em nenhum caso a fabricação seja entravada pela falta de matérias primas ou de materiais de consumo,
- pelo contrário, os « stocks » não devem ser demasiado elevados, a fim de evitar uma imobilização demasiado grande de capitais, e
- devem ser cuidadosamente vigiados para permanecerem em bom estado e conservarem o seu valor de compra.

Em resumo, um armazém bem administrado não é um armazém onde se encontra de tudo em profusão (o que seria, em matéria de gestão, uma heresia) mas, pelo contrário, deve ser um armazém onde se encontra de tudo, na quantidade necessariamente suficiente para fazer face às necessidades da fabricação.

a) O ponto de encomenda

O consumo numa fábrica em matérias primas e sobretudo em fornecimentos de consumo sofre flutuações imprevisíveis.

síveis e deve, portanto, fixar-se um « stock » mínimo, o qual faz actuar automaticamente uma encomenda. Utilizam-se, em geral, dois métodos, dos quais o primeiro, apesar do seu empirismo, dá muitas vezes bons resultados, tratando-se de peças

pequenas. Prevêm-se nas gavetas fundos duplos, nos quais se coloca o « stock » mínimo. O chefe de armazém possui assim um « stock » de reserva para acudir às necessidades até à data do reabastecimento.

O segundo método consiste em possuir fichas de « stock » que dão a todo o momento a *existência* e anotar nessas fichas, por material,

o número de unidade de peso ou de medida a partir do qual é indispensável passar encomenda.

A determinação do « stock » mínimo depende essencialmente do consumo do produto e do tempo necessário para o reabastecimento.

b) *Quantidades a encomendar*

Quando se passa uma encomenda de reabastecimento, é indispensável levar em conta a *quantidade económica da compra*, sendo o preço unitário, geralmente, tanto mais baixo quanto a quantidade de produtos comprados é maior. O montante das compras é, todavia, subordinado às possibilidades de caixa e às flutuações da conjuntura económica. Quando se prevê uma alta, comprar-se-ão certos materiais em quantidades mais importantes do que seria necessário, enquanto que, no caso contrário, nos contentaremos com o mínimo, a fim de poder aproveitar os preços inferiores quando dum abastecimento posterior.

(*continua*)



...os stocks virtuais não estão em armazém...

a natureza e a vida

pele eng.^o paulo seabra

4 — Isótopos e Radioisótopos

Já vimos no artigo anterior que a estrutura dum átomo fica definida pelo conhecimento do seu número atómico (número de electrões planetários) e do número de massa (número de prótons e neutrões do núcleo), e que o átomo se representa escrevendo o símbolo do elemento, tendo por índice inferior o número atómico e por índice superior o número de massa. Dissemos também que os electrões se distribuem em torno do núcleo em camadas sucessivas, sendo o número por camada dependente de condições bem determinadas que regulam o comportamento químico dos elementos.

Consideremos o caso do hidrogénio ${}^1_1\text{H}$ — o átomo mais simples que se conhece, constituído por um núcleo com 1 próton, à volta do qual gira 1 electrão.

Numa determinada quantidade de hidrogénio, podemos encontrar ainda um reduzido número de átomos de número de massa 2 (1 próton e 1 neutrão) e número atómico 1 (1 electrão). São átomos de hidrogénio pesado que receberam a denominação de deutério ${}^2_1\text{H}$. Existem também, em quantidades infinitesimais, átomos de massa 3 (1 próton e 2 neutrões), que formam o hidrogénio ultra-pesado ou trítério ${}^3_1\text{H}$.

Temos pois três tipos de átomos do mesmo elemento hidrogénio, que possuem igual número atómico, mas números de massa diferentes.

Os átomos de um elemento que têm o mesmo número atómico, mas números de massa diferentes, chamam-se *isótopos* desse elemento.

Na fig. 1 estão representados os modelos dos três isótopos de hidrogénio: o hidrogénio ${}^1_1\text{H}$, o deutério ${}^2_1\text{H}$ e o trítério ${}^3_1\text{H}$, que possuem o mesmo número de electrões planetários e o mesmo número de prótons do núcleo: diferem apenas no número de neutrões.

ral». Risos. Lascívia. Gargalhadas. Antipudor. Excitação. Palavrões. Desnudez moral...

A revista penetrava no consciente dos espectadores como coelho em mata espessa. Desvirtuava-os para a lama da sarjeta moral. Encanava-os para trilhos aberrativos.

O «Zé», mordendo-se com tanto riso, rugia com fúria bem solícita frases sem nexos.

Inquieto com o parafraseado do nosso «Zé», o «balletista-bó-bó» soliloquiava protestos de vez em quando. Irritando-se, o «Zé» grita-lhe: — Vai-te embora «cagun-

fa»! Ah, ah, ah... Cagunfa, cagunfa, cagunfa... Ah, ah, ah... Já lá viram o «trampa-engomada»... escandalizado!...

Chega o fim. Saindo, o «Zé» dá uma palmada amiga nas costas do «choca-pintos», perguntando-lhe: — Que tal esta marmelada!

Olhando-o de lado, o outro exclama: — Imoral, imoral, imoral...

Agasalhando-se do frio da noite, o «Zé» regressa à sua toca milenária, meditando: — Imoral, imoral, imoral... Han?!...



a mulher em sociedade

Quando estiver numa reunião, mais ou menos formal, fuja das vulgaridades na conversa, nos modos, nos gestos e até mesmo na maneira de vestir. A sobriedade deverá ser a nota predominante da sua personalidade.

Lembre-se também de que a pessoa que está constantemente às gargalhadas revela um propósito forçado de alegria. Essa preocupação de parecer descontraído, além de não ser a expressão exacta da satisfação, dá muitas vezes a impressão de levandade.

Tenha sempre bem presente que não se interrompe uma pessoa quando está a falar.

Enquanto fala, tenha o cuidado de não estar a passar as mãos pelos braços. É muito deslegante.

O perfume — Não há festa sem perfume. Uma noite de baile, em que se veste uma «toilette» tão bonita, sem o aroma atraente de um perfume, não chega a ser uma verdadeira noite de festa.

O perfume é aquele «quid» que dá à mulher um encanto escondido.

Na escolha de um perfume deve ter-se em conta, que um aroma fresco e delicado dá doçura ao tom da pele e realça a beleza.

Não se deve utili-

cantinho da mulher

coordenação de maria josé

- a mulher em sociedade
- conselhos úteis
- culinária
- moda

zar o perfume com algodão, mas sim em pequenas gotas sobre as mãos, passando-as depois pelo corpo, ou então usando um pulverizador.

conselhos úteis

- Para que os bolos saiam da forma com facilidade, vire-a sobre um prato e coloque um pano húmido no fundo. O bolo sairá imediatamente.
- A carne dura torna-se mais tenra deixando-a de molho em água avinagrada durante alguns minutos.
- Os pudins devem ser retirados das formas depois de frios.
- Para descascar cebolas sem chorar trabalhe sobre uma vasilha de água fervente.
- Para tornar as mãos brancas e macias, estregue-as com sumo de limão, açúcar ou farelos.

culinária

bolo de nozes

Batem-se quatro gemas, adicionam-se-lhes três chávenas de açúcar e três chávenas de farinha de trigo, batendo muito bem.

Juntam-se então: uma chávena de leite, uma chávena de nozes moídas, uma colher de bicarbonato (das de sopa) dissolvido, uma colher de leite e as claras em castelo.

Deita-se a massa numa forma untada de manteiga e polvilhada de farinha, vai ao forno regular.

cabelo segundo a moda «Alain Delon», estava um jovem com aspecto de «balletista» da nova corrente «bó-bó». Era isso, era: «Ballet-bó-bó». — Que «Lourenço»?! — exclama o «Zé» indignado, afastando-se com repugnância.

Começa a luzenta revista. Um friso de «girls», com as carrasquinhas a despontarem do decote e as pernas a dar espectáculo, cantavam numa voz de mocho piante o prefácio sumarento da mexeriqueira revista. Com o entusiasmo de quem vai para uma borga, davam às tranças com um espírito longe de estarem a «meter-butes». — Bravo! — gritava de vez em quando o «Zé», com os olhos faiscantes.

A senhora de beicinho à Mylène, com olhar de beata, sujava a pintura-ambiente com o espalhafato das suas frases

estúpidas: — Que colhamçcos!... Elas «bem querem dar mel pelos beiços»... mas com aquelas securas!? .. Ah, ah, ah... Mulheres de palha é o que são. Sim, de palha?!...

O «compère», figura destacada da baixa mexerique re-vesteira, enchia a atmosfera do teatro com a sonoridade bem conhecida da sua língua de palmo e meio: — Que «judiaria»! Juntarem os trapinhos numa altura destas! Qualquer dia temos águas-entornadas, vão ver! Pobre João... juntar-se com um «bortal» daqueles! Mas... «quem corre de gosto não cansa»!

O «Zé», sabido nestas andanças linguísticas, ria-se com a segunda intenção que elas alcançavam.

E a «pulga» revisteira continuou no mesmo tom «cultu-

Enfardado segundo a alta costura da moderna alfaiataria «Andrajo», o nosso «Zé» desceu das altas serranias da «Larica» para admirar com olhar de carneiro-mal-morto o desfile ultra-cultural e... pirotécnico da revista.

Com aspecto de quarto-minguante (pudera!), ocupa com a arrogância própria da sua insegura mentalidade mesolítica (ou ele não fosse o «Zé Pedrada») o lugar que lhe foi reservado em troca de uma simples «tolha de alface»: fila A, n.º 4 do 2.º Balcão.

Enquanto espera, o «Zé» vai notando com a sua perspicácia serranêsca, as variadas expressões, a linguagem e as configurações genéricamente descoloridas das pessoas que vão aparecendo.

Junto da porta, com bigode atacado por «enfarte-mucoso» e cabeça depenada por um «ciclone-capilar», um choca-pintos de albarda descoída pelos ombros olhava o passear ao acaso dos fraldiqueiros de borregas; mais além, com um enrolamento de voz ao mais alto nível «sparghetiano», um jovem de meia idade antecipava o sabor da guloseima que iria ser servida dentro de breves minutos: — Eh pá, as lascas são mesmo umas *fanecas!* É cada *estardalho*, pá!... É de perder a tramontana!; penetrando na sala, uma senhora com penteado de «repolho» e beicinho caído à Mylène Démongeot, sorria-se de um galanteio *made-in-Lisboa* que um velho de nariz sarapintado de sardas expeliu *avec ardeur* alimentado a bogoço brasileiro: — *Chau*, minha *lontra!*...; junto de si, alisando o

merengues

Batem-se em castelo as claras de quatro ovos. Juntam-se duas chávenas de açúcar, umas gotas de limão ou extracto de café. Unta-se com manteiga e polvilha-se com farinha um tabuleiro. Com uma colher de sopa, vão-se deitando no tabuleiro montinhos de massa bastante espaçados. Polvilham-se com açúcar em pó muito fino e levam-se a cozer quase uma hora em forno muito brando.

moda

Brrr! Brrr! Se acreditarmos nos costureiros, o inverno próximo será rude, severo, quase polar! Nunca se viram tantas botas, meias de lã postas assim em primeiro plano, capas tão grossas e golas levantadas tão alto. Quanto ao vestuário, como as cascas de cebola (cujo número, segundo se diz, prenuncia um inverno rigoroso), multiplica-se, sobrepõe-se, reconforta-se mutuamente. Os «tail-

leurs» abafam-se com casacos compridos e mesmo nestes, vêm-se aparecer quentes «cache-coeur», as lãs reforçam-se com peles, os «pull-overs» necessitam não só de lã mas também das peles. Tudo é pretexto para nos agasalhar dos pés à cabeça.

Gravuras e texto da moda extraídos da revista «Secrétaires d'aujourd'hui»





É Natal. Na asáfama das ruas, na alegria dos rostos, nos corações dos homens, tudo nos fala da quadra maravilhosa que sempre se renova, cada vez mais significativa e singular.

É Natal. E o frio agreste que nos fere a pele não arrefece o calor interior que nasce espontaneamente e parece querer transmitir-se a todos os nossos semelhantes.

É Natal. Como as crianças que vêm concretizar-se nesta altura tantos desejos inconfessados e tantas esperanças julgadas irrealizáveis, também nós não podemos deixar de pedir para que a compreensão reine entre os homens e para que a sua maldade vá, mesmo lentamente, desaparecendo.

No caso particular da E. P. A., além da esperança de que o Natal traga muitas felicidades para os que na E. P. A. labutam e seja portador duma nova compreensão entre todos, desejamos muita saúde e prosperidades aos seus Ex.^{mos} Sócios e Corpos Administrativos, em especial ao nosso Gerente-Delegado, Senhor Egas da Silva Salgueiro, e que o Novo Ano possa testemunhar a concretização de todos os anseios.

